A tragédia em *Água funda*: destino e *hybris* no romance de Ruth Guimarães

Palavras-Chave: Romance brasileiro, tragédia clássica, Ruth Guimarães

Autores:

Ana Alice Kohler, IEL – Unicamp

Prof. Dr. Mario Luiz Frungillo (orientador), IEL – Unicamp

INTRODUÇÃO:

Publicado pela primeira vez em 1946, *Água funda*, de Ruth Guimarães, foi considerado um dos lançamentos mais importantes daquele ano ao lado de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa (Botelho; Botelho, 2022). A partir daí, a autora criada no município interiorano de Cachoeira Paulista, ganhou grande notoriedade por parte da crítica e —- já inserida em discussões literárias importantes de seu tempo como membro da chamada “Roda da Baruel” e pupila de Mário de Andrade —- foi convidada a ingressar, dispensada de exame vestibular, no curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP no ano seguinte, em 1947 (Botelho; Botelho, 2022, p. 214). A partir daí, Ruth Guimarães desenvolveu o que alguns críticos e pesquisadores da sua obra chamam de “uma formação intelectual híbrida” (Botelho; Botelho, 2022, p. 116). Como estudante das letras clássicas, tornou-se professora de Literatura Comparada e de Latim em faculdades da região do Vale do Paraíba; traduziu grandes obras do francês e do latim, como contos de Balzac e Daudet e *O Asno de Ouro*, de Apuleio; e publicou o *Dicionário de Mitologia Grega* pela Editora Cultrix. Já como folclorista, pesquisou os principais contos orais que circulavam em sua região, transformou parte de sua casa no Museu de Folclore Valdomiro Silveira (Botelho; Botelho, 2022, p. 309) e publicou estudos como *Filhos do medo* (1950) e *Lendas e fábulas do Brasil* (1972). A produção literária e acadêmica de Ruth Guimarães, portanto, é comumente dividida em dois eixos: o seu interesse pelo clássico/erudito e a sua forte filiação à cultura popular do Vale do Paraíba.

Nesse sentido, o romance *Água funda,* estreia na ficçaõ da escritora que se considerava, antes de tudo, “preta, pobre, caipira e mulher” (Botelho; Botelho, 2022, p. 22), sempre foi classificado como pertencente ao segundo polo de interesse mencionado, o do apreço pela representação da cultura local e do modo de vida caipira. Isso porque a linguagem representada na obra, assim como as personagens, as figuras míticas e outros elementos do enredo posicionam a obra como parte do regionalismo literário da década de 1930. A narrativa, que se passa na localidade de Olhos d’Água, é

separada em duas fases. A primeira conta as desventuras de Sinhá Carolina, dona da Fazenda Olhos d'Água, onde se produz cana-de-açúcar a partir da mão de obra escravizada. Já a segunda, que se passa cinquenta anos após Carolina ser abandonada em uma estação de trem, trata dos moradores da região, a qual, depois que a fazenda foi comprada por uma companhia açucareira, se transformou no Horto Florestal Olhos d'Água. Nessa segunda porção da narrativa, o leitor acompanha o personagem Joca e sua lenta derrocada rumo à loucura após ter insultado a Mãe de Ouro, figura mítica característica do folclore caipira. Além disso, o narrador revela, com sua voz de contador de histórias e, portanto, conhecedor de todos os destinos em jogo, que Sinhá Carolina havia se tornado Choquinha, uma senhora que vagava pela região, também ela enlouquecida.

Apesar de abordar questões próprias do homem caipira, *Água funda* se apresenta como uma narrativa universal, como explicitado pela epígrafe: "Estas coisas aconteceram em qualquer tempo e em qualquer parte. O certo é que aconteceram" (Guimarães, 2018, p. 15). Nesse sentido, os fatos do enredo e as observações feitas pelo próprio narrador dão universalidade à obra por meio do desenvolvimento de temas como o destino, a vingança e a relação com as figuras míticas. É possível estabelecer, a partir disso, uma leitura comparada que enxerga uma filiação do romance à tradição literária e narrativa contida na tragédia grega, na qual tais temas são centrais. A importância dada às figuras míticas, por exemplo, é um dos elementos que guiam as ações da tragédia, em que oráculos e deuses são os responsáveis pela sorte humana. Também em *Água funda*, a figura da Mãe de Ouro age como uma espécie de catalisadora do destino de Joca e aparece acompanhada de seres sobrenaturais que rondam os personagens e que são tidos como os responsáveis pelo que acontece no povoado. Assim como nas peças trágicas, os protagonistas do romance de Ruth Guimarães sofrem um declínio —- material e mental — relacionado ao *mythos*. Isso se dá especificamente por meio da *hybris*, palavra que designa um processo de transgressão da ordem pelo excesso orgulhoso do herói trágico (Leite, 2009, p. 2).

É por meio dessas ações arrogantes que desafiam a ordem social e sobrenatural que Sinhá Carolina, Joca e outros integrantes da comunidade selam os seus destinos, os quais se tornam, a partir daí, irrevogáveis: "Tudo que aconteceu foi a favor do tombo. [...] As coisas, quando têm que ser, Deus não revoga" (Guimarães, 2018, p. 25). O mesmo sentido de *hybris* que leva ao destino trágico pode ser observado nos comentários e na postura do narrador, que age constantemente reiterando a importância das falhas praticadas pelos personagens, a ofensa à ordem social e sobrenatural cometida e a necessidade de suas derrocadas: "Ele agravou a Mãe de Ouro, porque era abusante como ele só. Mas pagou. Ela escutou a praga e veio. Porque, se não fosse a praga, podia bem ser que ele escapasse" (Guimarães, 2018, p.115). As próprias ações contidas no romance, portanto, aliadas à perspectiva adotada pelo narrador, denunciam uma certa influência da lógica trágica na obra, que deve ser confirmada pelo estudo aprofundado das tragédias gregas e de seu desenvolvimento ao longo da História.

METODOLOGIA:

Como método de comprovação das relações existentes entre *Água funda* e a tragédia grega, adotou-se a análise bibliográfica de obras fundamentais ao estudo do trágico, como a *Poética*, de Aristóteles, *A Tragédia Grega*, de Albin Lesky, *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche e *A Morte da Tragédia* de George Steiner. Além disso, foram acrescentados à análise textos que tratam de questões mais específicas do gênero trágico e das suas reconfigurações ao longo da História, como *Tragédia Moderna*, de Raymond Williams, *A Tragédia Grega* de Jacqueline de Romilly, *Antigones*, de George Steiner e *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher* de Nicole Loraux. Além disso, tornou-se necessária a construção de um aporte teórico acerca do gênero do romance de forma geral e do regionalismo brasileiro, tradições em que o texto se insere.

Dessa maneira, foram estudadas duas das principais obras acerca do gênero, *A ascensão do romance*, de Ian Watt, e *Questões sobre literatura e estética* de Mikhail Bakhtin. A partir disso, foi possível desenvolver uma análise mais aprofundada acerca da relação entre *Água funda* e o regionalismo literário, por meio da obra *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*, de José Maurício Gomes de Almeida. Por fim, tornou-se necessário, ainda, um estudo acerca da recepção e da crítica literária desenvolvida acerca do romance de Ruth Guimarães ao longo das décadas, bem como de fatos de sua biografia que são relevantes para a compreensão de determinados aspectos de sua obra. Para isso, foram essenciais os livros *Histórias da casa velha: biografia e legado de Ruth Guimarães*, de Joaquim Maria Botelho e Júnia Botelho —- seus filhos —-, e *Ruth Guimarães e o pioneirismo de Água Funda*, organizado por Joaquim Maria Botelho e Severino Antônio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os principais elementos teóricos acerca do trágico que são relevantes para o estudo de *Água funda*, nesse sentido, são relacionados à descrição, proposta por Aristóteles, do acontecimento trágico como forma de expiação do erro por meio do temor e da compaixão. Além disso, o aporte histórico contido na leitura de *A Tragédia Grega* de Jacqueline de Romilly é fundamental para a compreensão da relação entre as tragédias que chegaram até nós e seus respectivos mundos, o que provoca uma reflexão acerca do contexto de produção do romance. De forma semelhante, as análises propostas por Lesky permitem vincular a visão de mundo exposta em *Água funda* com a defendida pelos grandes tragediógrafos a partir da sua relação com elementos como o *mythos*, a justiça divina, a posição do herói e a coletividade.

Por fim, a formulação teórica de Nietzsche pode ser útil na análise do romance como forma de atestar a presença dos elementos apolíneos e dionisíacos, outra maneira de relacioná-lo à tragédia ática. Já as reflexões trazidas por Steiner e Williams podem servir de questionamento acerca da própria possibilidade de relacionar o romance com o gênero trágico e de, em alguma medida, entendê-lo como uma espécie de tragédia moderna. Por fim, as análises mais específicas,

empreendidas por Steiner, em *Antigones*, e Loraux, em *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*, são tomadas como guias para o estudo das personagens femininas de *Água funda*, em especial, Sinhá Carolina e Curiango, mulheres com trajetórias especialmente trágicas.

Como romance, entretanto, *Água funda* se distancia do *ethos* que fez surgir a tragédia clássica, relacionado às festividades coletivas e ao culto de Dionísio. Além disso, a forma romanesca — além de ser constituída por uma prosa não dramatizada, mas escrita para ser lida silenciosamente — nasce da vivência individual proporcionada pelo capitalismo puritanista, de forma que seu enredo costuma deter-se nos feitos de uma só personagem ao redor da qual os fatos cotidianos se desenvolvem. Em *Água funda*, entretanto, o narrador constrói a narrativa de forma tal que os acontecimentos — mesmo que individuais — refletem o destino da comunidade retratada, assim como se dá na tragédia ática. Apesar de estar inserido na lógica romanesca do relato em prosa, portanto, seguindo parâmetros como a descrição detalhada como índice de verossimilhança, o romance de Ruth Guimarães se distancia de algumas características bastante próprias dos romances analisados por Ian Watt em *A ascensão do romance*.

Nesse sentido, entra em foco o caráter regionalista de *Água funda*, que também imprime na obra certos elementos específicos, alguns dos quais são os responsáveis por esse distanciamento — em caráter de estrutura do enredo e de escolhas de linguagem — em relação ao romance clássico, já muito desenvolvido desde a sua origem no século XVIII. José Maurício Gomes de Almeida trata, em *A tradição regionalista no romance brasileiro, 1857-1945*, do romance regionalista a partir de uma visão que o considera como uma manifestação literária em que existe “uma relação íntima e substantiva entre sua realidade ficcional e a realidade física, humana e cultural da região focalizada” (Almeida, 1999, p. 314). Nesse sentido, ele destaca a condição histórica do fim do latifúndio patriarcal no Nordeste, no contexto de declínio das fazendas açucareiras e domínio da produção pelas usinas. *Água funda* se insere, portanto, na tradição regionalista desenvolvida na década de 1930 por nomes como José Lins do Rego não apenas por tratar de um tema em comum — a transição traumática entre dois modos de vida no mundo rural — e possuir elementos de celebração da cultura regional, mas, principalmente, por se reportar a estruturas e *tropos* relativos a esse tipo de representação, como a relação passado-presente e a tragicidade da loucura dos sujeitos inseridos nesse contexto.

CONCLUSÕES:

Fica evidente, portanto, que a filiação de *Água funda* à tradição clássica por meio da incorporação de elementos centrais à tragédia grega — como a importância do *mythos* e da *hybris* para a derrocada do herói rumo à loucura — não anula a centralidade do regionalismo literário na obra, que pode ser percebida nos temas e sujeitos representados, na linguagem escolhida e até mesmo na estrutura da narrativa. A própria formação intelectual da autora, nesse sentido, dá a ver essa dualidade de influências que dominou a produção literária e crítica de Ruth Guimarães, nascida “nesse convívio,

[em que] conheceu o falar caipira, o jeito de ser do caipira, os mistérios da gente da roça. Ao mesmo tempo, lia os livros do pai" (Botelho; Botelho, 2022, p. 116). Esse híbrido na formação e nos interesses de Ruth Guimarães é frequentemente encarado de forma rígida, de maneira que suas produções e seus feitos são divididos entre o seu engajamento com assuntos eruditos e com pautas populares. O que essa pesquisa demonstra, entretanto, é que esses dois polos de influência já estavam presentes na sua primeira obra publicada, em que construiu uma filiação complexa entre o romance regionalista e a tragédia grega.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro, 1857-1945**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 1999. 328 p. ISBN 8586020923.

ARISTÓTELES. **Poética.** Tradução: Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. ISBN 978-972-31-1077-7.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOTELHO, Joaquim Maria; ANTÔNIO, Severino (org.). **Ruth Guimarães e o pioneirismo de Água Funda**. Americana: Paladar Cultural, 2022. 163 p. ISBN 978-65-84584-07-5.

BOTELHO, Joaquim Maria; BOTELHO, Júnia. **Histórias da casa velha**: biografia e legado de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Nocelli (Reformatório), 2022.

GUIMARÃES, Ruth. **Água funda.** São Paulo: Editora 34, 2018. ISBN 978-85-7326-701-3.

LEITE, Isabela Fernandes Soares. **Criação, hýbris e transgressão na mitologia heroica**. 2009. 14 f. Artigo acadêmico (Departamento de Ciências Humanas – Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.ijpr.org.br/artigos-monografias.php. Acesso em: 12 dez. 2023.

LESKY, Albin. **A tragédia grega.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. ISBN 85-273-0085-0.

LORAUX, Nicole. **Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher: imaginário da Grécia Antiga.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. ISBN 8571100462.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. ISBN 85-7164-285-0.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega.** 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2008. 190 p. ISBN 9789724414201.

STEINER, George. **Antigones.** New York: Oxford University Press, 1984. 316 p. ISBN 0198126654.

STEINER, George. **The death of tragedy.** New York: Alfred A. Knopf, 1968.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ISBN 9788535917505.

WILLIAMS, Raymond. **Modern tragedy.** Stanford: Stanford University Press, 1966. ISBN 0804703132.